

existencial que a filosofia greco-pagã não saberia ter — vai abrir à vida humana uma dimensão tanto trágica como reconfortante. O homem pode agora optar mas sabe que nunca detém a última palavra, que a chave do sentido se encontra no amanhã.

Filosofar em função do futuro é, enfim, ultrapassar o conceito heideggeriano de «ser-para-a-morte» e conferir à vida humana um sentido de recriação reiterada. Não é possível o fim porque a interpretação nunca está acabada.

Santo Agostinho sofreu esta «volúpia do futuro». As suas notas pessoais e originais percorrerão a estrutura relacional do ser, a dinâmica interpretativa da caridade²⁴⁵, a metafísica da interiorização e a proeminência da vida. A escatologia inaugura-se hoje.

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO

²⁴⁵ Conforme é sabido, e o *De Doc. Chr.* prova-o bem, a «caridade» para além de ser «Escritura» é estratégia interpretativa dessa mesma Escritura. Significa isto que técnicas interpretativas ou interpretações literais devem ser postas de parte, porque carecem de «objectividade», já que esta é definitiva e futuro, enquanto que o presente é, por seu lado, sempre provisório. Esta consciência de que a verdade, porque está para além do tempo, é o Ser e portanto nunca é provisória, está bem patente no *Dbu.*, conforme referiu na devida ocasião.

Notas e Comentários

As influências na elaboração do Criacionismo

A Biblioteca de Leonardo Coimbra *

I

Todo o filósofo nasce situado. Como homem, em coordenadas espacio-temporais, biológicas, culturais. Como filósofo, em coordenadas históricas, que determinam a matriz do pensamento, engendram a problemática, condicionam o discurso e impulsionam o desenvolvimento posterior.

Definir clara e seguramente essas coordenadas é tarefa prioritária para todo o crítico ou hermenauta. Sem elas não poderá sentir as correntes profundas, divisar o horizonte geral, descobrir a convergência última de um projecto de pensar; sobretudo, não poderá medir as influências recebidas e aferir a originalidade do pensador.

Para este trabalho, há-de servir-se de critérios intrínsecos — a análise da obra, na sua estrutura e conclusões, e também

-
- * 1 — *Desejo testemunhar o meu reconhecimento à Exma. Sr.ª D. Maria Odete Marques Coimbra pela pronta anuência e pelas facilidades concedidas para esta investigação.*
 2 — *Queria prestar público louvor aos alunos do Seminário de Filosofia que organizaram o ficheiro anexo, em longas e dilatadas horas, e são por isso co-autores deste trabalho:*

Carlos Duarte Ventura Fonseca
 Emanuel Reis Queirós Mesquita
 Fernando Manuel Ferreira da Silva
 José Oliveira da Silva
 Maria Manuela da Torre Barreto
 Maria Silvina Moreira Cabral
 Vítor Manuel Brilhante Oliveira

extrínsecos — os testemunhos o próprio autor, as citações e referências, as suas leituras e convivências.

No caso de Leonardo Coimbra, é tarefa que urge levar a cabo, pois, foram muito díspares as apreciações críticas da sua filosofia e divergentes as classificações que lhe foram atribuídas. Importa situar o *Criacionismo* no movimento da filosofia europeia ocidental da primeira metade deste século, para lhe ver as origens, verificar o percurso e a intenção sistemática, medir as influências e dependências, julgar da originalidade e do alcance humanístico e social.

É trabalho que não está completo, nem gerou consenso unânime.

Ainda em vida do filósofo portuense, e em plena maturação do seu pensamento, Philéas Lesbesgues aproxima-o, na crítica ao livro *A Alegria, a Dor e a Graça*, pouco antes publicado, de Maeterlink e dos Transcendentalistas americanos da escola de Concord¹.

António Sardinha, em 1929, classificava-o despicilmente de bergsonista², tese em que parece insistir, mais tarde, António Sérgio, cuja campanha antibergsoniana é tida, em grande parte como arremetida antileonardina³.

Este terá sido o parecer mais repetido, por certa crítica, mas, desde sempre, recusado ou preterido pelos melhores intérpretes do seu pensamento: José Marinho⁴ Álvaro Ribeiro⁵ Sant'Anna Dionísio⁶, dentre os seus discípulos, secundados por outros

¹ Philéas Lesbesgues, *Bibliografia*, in *A Águia*, XI (1917) 110.

² António Sardinha, *O «filósofo» Leonardo*, in *Purgatório das ideias, Ensaios de Crítica*, Lisboa, 1929, 196.

³ Manuel Ferreira Patrício, *Leonardo Coimbra e Bergson: semelhanças e diferenças*, in *Leonardo Coimbra, (Colectânea de Estudos)*, Lisboa, Edição Instituto Amaro da Costa, 1985, 146.

⁴ José Marinho, *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945;

ID., *Verdade, Condição e Destino no Pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello e Irmão Editora, 1976.

⁵ Álvaro Ribeiro, *Escritos Doutrinados*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1965;

ID., *A Arte de Fiosofar*, Lisboa, Portugália Editora, 1955;

ID., *Memórias de um Letrado*, 3 v, Lisboa, Guimarães e C.ª Editores, 1977, 1979, 1980.

⁶ Sant'Anna Dionísio, *Objecções a António Sérgio sobre o valor da obra filosófica de Leonardo Coimbra*, Porto, 1938.

estudiosos, a começar por Eudoro de Sousa, em 1950⁷, e a terminar, de modo concludente e insofismável, por Manuel Ferreira Patrício⁸, no ano de 1985.

Os discípulos de Leonardo Coimbra preocuparam-se fundamentalmente em situar o *Criacionismo* no contexto filosófico nacional. Daí lobrigarem uma linha de pensamento, a que chamaram «filosofia portuguesa», cuja originalidade reivindicaram, frente a outras filosofias nacionais, e que foi continuada pelo *Movimento de Cultura Portuguesa*, em 1957⁹, e, hoje, pela *Nova Renascença*¹⁰.

Seja-nos permitido lembrar que, já no nosso estudo de 1962¹¹, defendemos a classificação que o próprio Leonardo atribuiu ao seu sistema filosófico de *idealismo criacionista* e o entroncámos no idealismo francês, tentando medir as influências de Hamelin, Brunschvicg e Bergson, por confronto genérico com as respectivas filosofias. Já aí assinalámos o contacto assíduo que, desde a primeira obra, revela, com Jaurès, Guyau, Renouvier, Hamelin, Bergson, Duhem, Poincaré, Boutroux, Fouillé, Dantec¹².

Em 1983, reafirmámos as mesmas afinidades e dependências: «não tenho dúvidas em enquadrar o sistema criacionista de Leonardo Coimbra na tradição francesa do espiritualismo metafísico da liberdade e de Lachelier, Boutroux, Fouillé e Guyau; mais próxima e directamente, no neo-criticismo de Renouvier e no neo-idealismo de Hamelin e Brunschvicg; mas sempre em diálogo com Bergson e, no contexto português, com Antero,

⁷ Eudoro de Sousa, *O Pensamento eloquente e romântico de Leonardo Coimbra*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, 117-121.

⁸ Manuel Ferreira Patrício, *Leonardo Coimbra e Henri Bergson: semelhanças e diferenças*, in *Leonardo Coimbra (Colectânea de Estudos)*, Lisboa, Edição Instituto Amaro da Costa, 1985, 145-183.

⁹ António Quadros, *O Mito do Espírito*, in *Movimento de Cultura Portuguesa* (57), nº 7 (1959) 5-9;

ID., *A Obra de Leonardo Coimbra no contexto cultural da sua época*, in *Leonardo Coimbra (Colectânea de Estudos)*, 17-60.

¹⁰ Cf. a revista «*Nova Renascença*», órgão da Associação Cultural do mesmo nome, Porto nn. 27/28, vol. VII (1987) 193-316.

¹¹ Angelo Alves, *O Sistema filosófico de Leonardo Coimbra. Idealismo criacionista*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962, 207-241.

¹² *Ibid.* 214.

Sampaio Bruno e os novos poetas portugueses: Junqueiro, Teixeira de Pascoais, Jaime Cortesão e outros»¹³.

Por sua vez, Miguel Spinelli, no seu amplo estudo da filosofia de Leonardo Coimbra com predominante incidência antropológica, publicado em 1981, coincide fundamentalmente com esta posição, embora prefira inicialmente a fórmula «espiritualismo vitalista e cristão em termos de Idealismo»¹⁴.

Dedica dois capítulos introdutórios ao confronto entre o Criacionismo e a cultura portuguesa e o Criacionismo e o pensamento estrangeiro, com abundante informação e vasta gama de sugestões.

Nos «estudos conclusivos», a terceira parte, define o Criacionismo como espiritualismo vitalista, mas sem negar, antes mantendo a pendência idealista: «Das teorias de ambos (Guyau e Bergson) Leonardo Coimbra extrai o seu vitalismo espiritualista cuja atmosfera é criada no idealismo francês pela relação e pela harmonia»¹⁵.

Não podemos todavia atribuir a essa expressão um significado unívoco, pois que aparece, em vários lugares, com incidências diversas: «na sua essência (da filosofia do Criacionismo) trata-se sempre de uma filosofia da vida e de uma Metafísica»¹⁶. Em conclusão: «Do mesmo modo que Leonardo Coimbra é um filósofo de formação científica, ele é também um filósofo espiritualista» (...) «Ao lado desse espiritualismo (da poesia portuguesa) ele encontrou o espiritualismo do idealismo francês. Foi esta corrente que gerou Bergson; foi propositalmente neste Bergson que Leonardo Coimbra encontrou uma resposta para os seus anseios»¹⁷. Noutro lugar: «O Criacionismo é idealista»¹⁸. E ainda: «A metafísica do Criacionismo

¹³ ID., *Da Paixão da Verdade à Conversão ao Catolicismo*, entrevista publicada em *O Comércio do Porto*, 25-12-1983, 24-25. Cf. *Leonardo Coimbra (Colectânea de Estudos)*, 222-223.

¹⁴ Miguel Spinelli, *A Filosofia de Leonardo Coimbra. O Homem e a Vida. Dois Termos da sua Antropologia filosófica*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1981, 33.

¹⁵ *Ibid.*, 217.

¹⁶ *Ibid.*, 212.

¹⁷ *Ibid.*, 258.

¹⁸ *Ibid.*, 261.

é espiritual e religiosa; só assim se explica o seu Idealismo»¹⁹; «O Criacionismo é uma Metafísica da vida. Essa sua Metafísica é transcendente»²⁰.

A contínua mobilidade e insegurança terminológica tira valor às expressões e faz correr uma permanente ambiguidade por todo o trabalho.

Manuel Ferreira Patrício, além de apresentar à Universidade de Évora, em 1983, a dissertação para doutoramento sobre a Pedagogia de Leonardo Coimbra, tem feito a análise comparativa da filosofia criacionista com a doutrina daqueles filósofos europeus, dos quais mais parece aproximar-se ou depender. Por isso, muito tem contribuído para estabelecer a sua originalidade²¹.

São dele estes respigos; primeiro, no confronto com Teilhard de Chardin: «A filosofia da primeira parte apresenta-se-nos, a uma primeira análise, como um idealismo dialéctico. O próprio filósofo chama a esse idealismo dialéctico *Criacionismo*. Trata-se, portanto, de um idealismo dialéctico criacionista»²² E ainda: «Leonardo conhece bem o pensamento francês. Já vimos que ele enfileira com os movimentos antipositivistas, antimaterialistas, antinaturalistas e anticientistas, representados por Renouvier, Hamelin, Henri Poincaré, Bergson, Brunschvicg, Lachelier e outros. Eu creio que ele não chegou a beneficiar de Blondel. Talvez tenha conhecido algo de Édouard Le Roy com quem Teilhard se relacionou»²³.

Depois, no amplo e minucioso confronto com Bergson: «O anticousismo e o personalismo de Leonardo Coimbra, que vêm de Maine de Biran, Ravaisson e Renouvier, casam-se bem com esta posição inicial básica de Bergson. No entanto, deve reconhecer-se que essa posição bergsoniana não é transparentemente idealista, como o é a de Leonardo Coimbra, em *O Cria-*

¹⁹ *Ibid.*, 262.

²⁰ *Ibid.*, 263.

²¹ Manuel Ferreira Patrício, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra — Teoria e Prática*, 2 tomos, Évora, 1983, (dissertação para doutoramento apresentada à Universidade de Évora).

²² ID., *Leonardo Coimbra e Teilhard da Chardin*, Lisboa, Universidade de Évora, 1983, 15.

²³ *Ibid.*, 53.

cionismo. O filósofo francês move-se predominantemente no seu *Essai* no plano psicológico-gnoseológico. Leonardo Coimbra, desde logo no plano gnoseológico-ontológico. Assim, *O Criacionismo* é muito mais inequivocamente uma obra de metafísica que o *Essai sur le donné immédiates de la conscience*²⁴.

E ainda: «Atente-se bem no abismo que separa Leonardo de Bergson: este é intuicionista, irracionalista; aquele é idealista dialéctico, de um racionalismo criacionista»²⁵ «Confirmaram-no (as análises feitas no *Essai*), decerto, nas suas íntimas e nucleares convicções filosóficas; no seu imaterialismo berkeleyano, no seu pampsiquismo dinamista leibniziano, no seu idealismo fichteano, no seu personalismo renouvieriano e hameliano»²⁶.

Podemos, pois, concluir que se vai estabelecendo um certo consenso quanto às influências e dependências de Leonardo Coimbra na elaboração do seu sistema filosófico.

Isto, apesar de terem sido apontados, embora com menor base analítica, outros aparentamentos²⁷; de haver ainda, em

²⁴ ID., *Leonardo Coimbra e Henri Bergson: semelhanças e diferenças*, in *Leonardo Coimbra (Colectânea de Estudos)*, 166-167.

²⁵ *Ibid.*, 176.

²⁶ *Ibid.*, 170. Cf. do mesmo autor: — *O Anti-aristotelismo explícito de Leonardo Coimbra (contribuição para o estudo do problema)* in *Revista Portuguesa de Filosofia* 39 (1983) 408-452; — *A influência de Charles Renouvier em Leonardo Coimbra*, in *Brotéria* 118 (1984) 380-395.

— Joaquim Cerqueira Gonçalves, *A Filosofia criacionista*, in *Leonardo Coimbra, (Colectânea de Estudos)*, Lisboa, IDL, 1985, 136-137.

— Alexandre Fradique Morujão, *O Sentido da Filosofia em Leonardo Coimbra*, in *R.P.F.* 39 (1983) 346.

²⁷ Delfim Santos, *Prefácio a Obras completas de Leonardo Coimbra*, II, Porto, Livraria Tavares Martins, 1958, p. XI: — «O pensamento cristão existencial tem em Leonardo Coimbra um representante, que, ao mesmo tempo, é precursor do que menos expressivamente se vai chamar existencialismo cristão e em nenhum outro livro mais nitidamente do que em *síntese filosófica*, está exposto». *Ibid.*, p. XIV: «A filosofia criacionista antecipa deste modo, em Portugal, a temática que se estabelece criticamente no trânsito de fenomenologia para o existencialismo».

António de Magalhães, *A Perenidade do Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Braga, 1956, 9: «a filosofia de Leonardo Coimbra é uma filosofia da acção, no sentido blondeliano».

Estêvão Jardim, *Influências de Hamelin no criacionismo de Leonardo Coimbra*, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 14 (1956) 10-35.

1950, quem o considerasse ecléctico²⁸; e haver hoje quem hesite em lhe dar uma filiação certa na matriz do pensamento filosófico francês, ou tente mudar o critério da sua unidade sistemática²⁹.

II

A biblioteca deixada pelo filósofo português fornece um argumento adicional e extrínseco à interpretação dominante do seu pensamento.

Através de toda a sua obra patenteia uma extensa e actualizada informação da história da filosofia e do movimento da ideias do seu tempo. No primeiro artigo doutrinário refere e contradiz o positivismo de Comte³⁰ e no último livro, incompleto e editado postumamente, refere os nomes e as doutrinas de Le Roy, Husserl, Scheler e Heidegger sobretudo deste³¹, além de outros modernos e contemporâneos, muitas vezes citados, nas obras anteriores.

Era certamente uma curiosidade saber como obteve tão larga informação. A sua biblioteca poderia dar uma resposta. Assim, já ao preparar a dissertação para o doutoramento, à roda de 1960, pude compulsar dos livros que lhe pertenceram, por amável deferência de seu filho Dr. Leonardo Augusto Coimbra³². Verifiquei que estavam muito sublinhados, e, um ou outro, com breves anotações; por exemplo, os da autoria de Brunschvicg.

Manuel Freitas, *Leonardo Coimbra. Incidências positivistas na sua filosofia* 16 (1960) 157-173.

²⁸ Eugénio Aresta, *Leonardo Coimbra. O Homem e a Obra*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, 66.

²⁹ José Gama, *Filosofia e Poesia no Pensamento de Leonardo Coimbra*, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 39 (1983) 365-366.

³⁰ Leonardo Coimbra, *o Homem livre e o Homem legal*, in *Nova Silva* I/1 (1907) 24.

³¹ ID., *O Homem às Mãos com o Destino*, in *Obras Completas de Leonardo Coimbra*, vol. IX, Livraria Tavares Martins, 1964, pp. 179, 182, 201, 215, 238.

³² Ângelo Alves, *O Sistema filosófico de Leonardo Coimbra. Idealismo criacionista*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962, 215.

Daí que surgisse a ideia de fazer uma revisão sistemática de toda a biblioteca e examinar as obras uma por uma. Mas, o homem põe e Deus dispõe. A tarefa era ingente e as múltiplas ocupações dispersivas.

A ocasião surgiu vinte anos depois, a quando das comemorações do centenário do nascimento de Leonardo Coimbra, em 1983, e por motivo do renovado interesse pela sua personalidade e pela sua obra.

Durante o trabalho de um Seminário filosófico, no ano lectivo de 1986-87 propus a alguns alunos uma investigação. Aceitaram-no com gosto e levaram-na até ao fim, com coragem, muito para além do próprio Seminário. É o seu resultado que queremos aqui publicar. Trata-se de um ficheiro de todas as obras com interesse filosófico, que se encontram sublinhadas e/ou anotadas. Estas foram, certamente, objecto de leitura e reflexão para o filósofo português. Delas recebeu maior ou menor influência, porque em muitas se encontram sinais ora de aprovação e admiração, ora de recusa e depreciação.

Do seu conjunto é possível confirmar aquilo que a crítica interna dos seus livros e a análise comparativa com outras obras já vinha delineando.

Estão presentes os autores que mais contraditou e aqueles de que mais influência recebeu. O domínio de autores franceses é gritante, não apenas para a crítica das ciências, mas também para a metafísica da liberdade.

Mais, a biblioteca de Leonardo Coimbra não se restringe à área filosófica. Compreende muitas obras de ciências (físico-matemáticas e humanas), de literatura e crítica social.

É rico manancial para futuros investigadores, sobretudo agora, que se encontra mais acessível, no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, por doação da Ex^{ma}. Sr.^a D. Maria Odete Pinheiro Marques Coimbra, nora do filósofo português.

ANGELO ALVES

Professor da Faculdade de Teologia

Ficheiro

1. ALEXINSKY, GRÉGOIRE, *La Proussie et l'Europe*, Paris 1917, 360 pp. [Assinado na capa. Bastante sublinhado e anotado].
2. *La Ame Russe* (=Cahiers de la Nouvelle Journée-8) Paris, 1927, 231 pp. [Muito sublinhado e bastante anotado. Falta a capa do anverso].
3. ARCHAMBAULT, PAUL, *La Oeuvre philosophique de Maurice Blondel* (Cahiers de la Nouvelle Journée-12) Paris, 1928, 244 pp. [Bastante sublinhado. Assinado na capa]. — Archives de Philosophie (ver n.º 108, 120, 353, 462).
4. ARISTOTELES, *Physique* (I-IV), texte établi et traduit par Henry Carteron, Paris, 1926, 165 pp. [Bastante sublinhado e anotado apenas o «Livre IV». Assinado na capa].
5. BAIN, ALEXANDRE, *Les sens et l'intelligence*, II. [Sublinhado a partir do apêndice (pág. 567), incompleto, capa artificial assinada por L. Coimbra].
6. BALDWIN, JAMES MARK, *Interprétation sociale et morale des principes du Développement Mental (Etude de Psycho-sociologie)*, Paris 1899, 577 pp. [Muito pouco sublinhado no princípio].
7. BALFOUR, ARTHUR JAMES, *L'idée de Dieu et l'esprit humain*, Paris, 1916. [Assinado na capa, algo sublinhado].
8. BARBIER, PAUL, *La science et le progrès. Les dieux de l'Irreligion*. Paris, 1909, 123 pp. [Está razoavelmente sublinhado, sem anotações].
9. BARRE, ANDRÉ, *Aristotle, Bacon* (=Bibliothèque des grands Philosophes) Paris [Assinados na capa. Pouco sublinhados].
10. BARRET, WILLIAM, *Au seuil de l'invisible*, (=Bibliothèque internationale de science psychique), Paris, 1923, 242 pp. [Muito sublinhado até à p. 131, depois não está sublinhado. Está assinado na capa].
11. BARTH, KARL, *Parole de Dieu et Parole Humaine*, Paris, 1933, 270 pp. [Muito sublinhado até à p. 90].
12. BARUZI, JEAN, *Problèmes d'Histoire des Religions*, Paris, 1935, 151 pp. [A capa tem a sua assinatura. Está sublinhado no cap. III: «Sur une hypothèse d'Asin Palacios»].